Globethics Repository



As experiências de um ex-detento à luz da aprendizagem transformadora [The experiences of an ex-prisioner in light of transformative learning]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Batista de Lima, Thales
Publisher	Editora UnilaSalle
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-22 17:47:04
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/236208

UnilaSalle Editora

DIÁLOGO ISSN (2238-9024)
http://www.revistas.unilsalle.edu.br/index.php/Dialogo
Canoas, n.30, dez. 2015

http://dx.doi.org/10.18316/2238-9024.15.17

Submetido em: 03/05/2015
Aceito em: 09/10/2015

As experiências de um ex-detento à luz da aprendizagem transformadora

Thales Batista de Lima[1]
Gabriela Tavares dos Santos[2]
Diogo Henrique Helal[3]

Resumo: Este estudo trata do processo de aprendizagem de um sujeito que vivenciou experiências em uma organização marginal, àquelas que não se enquadram no contexto empresarial. Nesse caso, o intuito é compreender as experiências vivenciadas por um ex-detento à luz da teoria da aprendizagem transformadora desenvolvida por Jack Mezirow. Abordam-se os dois eixos conceituais centrais para realização da pesquisa, que são a aprendizagem transformadora e as experiências. A partir dos relatos experienciais do indivíduo entrevistado se pôde refletir do quanto foi possível transformar sua visão de mundo. Para tanto, o estudo é caracterizado por uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório por meio da análise interpretativa e compreensiva dos relatos. Para tanto, a discussão dos resultados é estruturada nas três dimensões: Perspectivas de significado, Domínios de aprendizagem e Tipos de reflexão. Assim, conclui-se que as experiências vivenciadas pelo ex-detento demonstram uma inspiração de transformações no seu aprendizado.

Palavras-chave: Organização marginal; Transformação; Experiências.

The experiences of an ex-prisioner in light of transformative learning

Abstract: This study deals with the learning process of a person who experienced experiences in a marginal organization, those who do not fit the business context. In this case, the aim is to understand the experiences lived by a former detainee in light of the theory of transformative learning developed by Jack Mezirow. It addresses the two central conceptual axes for

[1] Professor Adjunto da UFPB/Campus IV. Doutor em Administração pelo Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA/UFPB), Mestre em Administração pelo Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA/UFPB) e Graduado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: thalesufpb@gmail.com.

[2] Professora Temporária da UFPB/Campus I. Mestre em Administração pelo Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA/UFPB) e Graduada em Administração pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: gabi_campina@hotmail.com

[3]Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA/UFPB) e Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ/MEC). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco e Graduado em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: diogohh@yahoo.com.br

conducting the research, which are transformative learning and experiences. From the experiential accounts of the interviewed individual is able to reflect on how it was possible to transform your world view. Thus, the study is characterized by a qualitative approach and exploratory nature through interpretive and comprehensive analysis of the accounts. To this end, the discussion of the results is structured in three dimensions: perspectives of meaning, domains of learning and types of reflection. So, we conclude that the experiences lived by former detainee demonstrates an inspiring transformations in their learning.

Keywords: Marginal Organization; Transformative Learning; Experiences.

Introdução

Os estudos sobre a aprendizagem no Brasil, em sua grande parte, são conduzidos no campo gerencial ou empresarial (SILVA, 2009), bem como no contexto educacional formal (LIMA, 2011), o que instiga a realização de estudos no campo de uma organização considerada marginal como prisões, barracas, sebo e favelas, ainda também camelôs, flanelinhas, cambistas, entre tantos outros.

Considera-se que tais sujeitos e organizações vivenciam e contêm experiências ricas de aprendizagem, que merecem ser estudadas. Logo, torna-se interessante investigar como um indivíduo aprende nesses ambientes, em que a academia, se referindo principalmente aos teóricos da Administração, por vezes, exclui tais ambientes na consideração dos seus estudos, pois são tipos organizacionais enxergados como periféricos, informais, desestruturados, que não apresentam representatividade social e valor econômico-financeiro. Ou seja, os estudos organizacionais, muitas vezes, não levam em conta as peculiaridades desses ambientes organizacionais e da vivência dos indivíduos que se encontram nessa realidade.

Sendo assim, considera-se relevante entender tais indivíduos e organizações marginalizados a partir de suas experiências, expectativas, anseios, enfim, até que ponto o aprendizado vivenciado é capaz de transformar a vida dessas pessoas, ou seja, as experiências se tornam significativas, sendo possível modificar suas perspectivas de significado. Ainda mais quando algumas experiências podem ser marcantes e gerar alguma possível dificuldade em se inserir melhor na sociedade.

Também é oportuno enxergar se as teorias existentes sobre aprendizagem atendem a este propósito, ou seja, conduz a reflexões como: será que os teóricos oferecem alternativas viáveis para que os sujeitos envolvidos em tais ambientes tenham um aprendizado emancipatório (MEZIROW, 1990) e, quem sabe, as experiências deles contribuam para o

desenvolvimento das teorias, particularmente, a estudada aqui, a aprendizagem transformadora.

Nesse sentido, este estudo entrevistou um ex-detento, na qual experienciou momentos da sua vida em uma prisão, cujo estudo enxerga o quanto foi significativo para ele, buscando olhar a sua história e articular com o que dizem os teóricos da aprendizagem transformadora, em especial, o seu percursor Mezirow. Dessa forma, é interessante saber se em uma organização como a prisão e através do relato de um ex-detento seria possível encontrar elementos de um aprendizado transformador da maneira como são percebidos nos estudos desta teoria acerca de indivíduos em organizações formais.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é compreender as experiências vivenciadas por um ex-detento à luz da teoria da aprendizagem transformadora desenvolvida por Jack Mezirow.

Aprendizagem transformadora

Jack Mezirow (1990, 2000, 2009) desenvolveu uma teoria que engloba o desenvolvimento de adultos, a teoria crítica, a ação e reflexão social, denominada de aprendizagem transformadora. Para Parkes (2001), essa teoria incorpora a crença de que a perspectiva de significado pessoal de um adulto evolui e expande, tornando-o mais adaptável e capaz de obter benefícios com a experiência.

A aprendizagem transformadora objetiva transformar, de forma consciente, os quadros de referência dos indivíduos, por intermédio da reflexão crítica sobre pressupostos construídos de modo acrítico (CRANTON, 2006). Percebe-se que a aprendizagem transformadora focaliza em como os adultos aprendem por meio de novos significados em suas estruturas de referências que orientarão as suas futuras ações. Portanto, há três elementos principais da teoria da aprendizagem transformadora propostos por Mezirow (1990; 2000; 2009), que são: perspectivas de significado, domínios de aprendizagem e os tipos de reflexão.

As perspectivas de significado determinam a maneira como enxergamos o mundo, isto é, as nossas realidades construídas. Mezirow (1990; 2000) aponta três perspectivas. A primeira é chamada de epistêmica e se refere aquilo que a pessoa sabe e como ela a conhece. A segunda, sociolinguística, diz respeito às normas sociais e culturais. A terceira está relacionada a forma como a pessoa se vê como indivíduo e denominada de perspectiva de significado psicológica.

No que tange os domínios de aprendizagem, Mezirow (1990; 2000; 2009) delimita três domínios: a) o domínio da aprendizagem instrumental se relaciona com o conhecimento empírico do paradigma positivista, cuja ação é comandada por regras técnicas. b) o domínio da aprendizagem comunicativa é relacionado com o interesse cognitivo da prática, de modo a identificar como as pessoas aprendem enquanto adultos. Envolve questões de valores, crenças e sentimentos, que estabelecem normas sociais a serem seguidas por meio de códigos simbólicos de comunicação; c) o domínio da aprendizagem emancipatório implica autorreflexão crítica, possivelmente levando a transformações de suas perspectivas de significado.

Por fim, o terceiro elemento diz respeito à reflexão, em que é classificada em três tipos: conteúdo, processo e premissas, sendo esta última o alcance emancipatório do indivíduo. A reflexão do conteúdo se preocupa com “o que saber”; a reflexão do processo com o “como saber” e a reflexão das premissas com o “por que se precisa saber”.

Nesse sentido, Fetherston e Kelly (2007) destacam que transformar os indivíduos que estão aprendendo envolve diversos fatores: transformar mudanças de pensamentos, na compreensão dos conhecimentos de mundo e de nós mesmos; buscar a reflexão como elemento chave para a aquisição da transformação; visualizar que a transformação é um processo precipitado de experiências ou de informações que perturbam o entendimento atual; ensinar para transformar envolve espaço para críticas e diálogos; e, por último, compreender que o conceito da aprendizagem transformadora ressoa com uma educação voltada para a transformação de conflitos.

Assim, estes fatores são comumente enxergados em sujeitos que vivenciam suas experiências em organizações formais. No entanto, é necessário saber o quanto as organizações marginais também propiciam um aprendizado transformador. Ou seja, investigar a aplicabilidade dos conceitos que envolvem a aprendizagem transformadora em uma organização marginal ou de que forma ela consegue levar os indivíduos a se transformarem por meio das experiências vividas é essencial para um melhor entendimento da própria teoria a partir do contexto e experiências de vida dessas pessoas nas organizações marginais.

Experiências

As experiências são estados ou condições vividas subjetivamente, e apesar de serem processos naturais necessitam de tempo e consciência (BERD, 2006). São, ainda,

responsáveis por mudanças no fluxo da realidade, compatibilizadas pelos processos de aprendizagem. O ser humano vive, experimenta e aprende e esse processo está tão interrelacionado que, não tem como desmembrá-lo. “Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos.” (DEWEY, 1974, p. 16). Neste sentido, aprender pela experiência requer o desenvolvimento de capacidade reflexiva, uma vez que “é responsável pela atribuição de significados e pelo desenvolvimento de padrões de comportamentos que direcionam as ações das pessoas” (SILVA, 2009, p. 198). Por isso, a experiência capaz de gerar reflexões e aprendizados na aquisição de novos conhecimentos por toda a existência humana, Dewey (1974) chama de experiência educativa.

As experiências podem ser classificadas como profissionais, sociais e da educação formal. Ao longo da vida, estas se relacionam de tal maneira, que os indivíduos possuem dificuldades de identificar os limites de cada uma (SANTOS, 2013). Isto ocorre por se formarem simultaneamente, principalmente na fase adulta. Assim, trata-se de um processo “de interação, pelo qual os dois elementos que nela entram (situação e agente) são modificados”. Devido às relações vivenciadas entre agente-situação que altera os significados e constrói novas relações (DEWEY, 1974, p. 14).

De natureza acidental e ampla, as experiências sociais ocorrem por meio da inserção do sujeito na comunidade em que vive, e são capazes de dar significado às práticas sociais. Nestas há tensões entre os vínculos do sujeito com a sociedade (integração), os interesses pessoais que direcionam (estratégia) e os processos de reflexão que envolvem as lógicas de produção e alienação (subjetivação) (MARIE, 1995; WAUTIER, 2003). O sujeito define por meio destas tensões, as suas orientações de práticas sociais. Há, portanto, um sistema social que ocorre nas “combinações subjetivas de elementos subjetivos” (WAUTIER, 2003, p. 186).

Contudo, o sujeito necessita de um processo planejado e deliberado de formação uma vez que, as experiências sociais não suprem todas as necessidades humanas. Assim, ocorrem as da educação formal de natureza oposta das experiências sociais, ou seja, formal. Nestas, são definidas o conteúdo, e o processo de transformação deste em aprendizado, que evolui ao longo dos anos (GUARESCHI; COMUNELLO; NARDINI; HOENISCH, 2004). Além disso, há regras, normas, meios de avaliação que pautam as ações dos envolvidos e interessados na formação educacional (DEWEY, 2010). Esse processo, de aprender por meio das experiencias da educação formal deve ser planejado com cautela já que pode afetar negativamente as experiencias dos sujeitos (BEARD; WILSON; WILSON, 2006).

E as experiências profissionais referem-se à variabilidade das vivências no ambiente de trabalho, e não aos anos acumulados de práticas profissionais como o senso comum conceitua (MOON, 2004). Como ocorre na fase adulta, as experiências sociais e da educação formal já atuantes fazem das práticas profissionais possibilidades de enfrentar desafios, melhorar relacionamentos, desenvolver novas habilidades e competências. Desenvolve, assim, habilidades que servem não apenas para o contexto profissional na aquisição de competências, mas para a sua vida pessoal (SILVA, 2009).

Estas experiências, as profissionais, sociais e da educação formal, ocorrem independente do ambiente, seja no universo empresarial representado por empresas de pequeno, médio ou grande porte, por indústrias, no das organizações públicas como os hospitais, as Instituições de ensino, ou as organizações públicas que normatizam as relações da sociedade por meio da aplicação das leis. Ainda, ocorrem em organizações informais ou marginais como os camelôs, negócios ambulantes, empreendimentos individuais, ou em prisões, barracas, sebo e favelas. Assim, torna-se pertinente perceber como as experiências podem influenciar a formação dos sujeitos em ambientes diferenciados. A seguir, será apresentado o percurso metodológico da pesquisa.

Metodologia

Esta pesquisa é pautada pela abordagem qualitativa, uma vez que tem como objetivo compreender as experiências vivenciadas por um ex-detento à luz da teoria da aprendizagem transformadora desenvolvida por Mezirow. Em síntese, Merriam (2009) explica que a pesquisa qualitativa está interessada em perceber como as pessoas constroem e interpretam os seus significados, e quais sentidos atribuem as suas vidas e mundo. Assim, para o estudo, a realidade não é objetiva e é construída socialmente (FLICK, 2009).

Trata-se de uma pesquisa de campo com vista aos dados coletados para oportunizar a análise, e de caráter exploratório já que visa fornecer levantamento de concepções acerca de um fenômeno estudado (SAMPIERE, LUCIO, COLLADO, 1991). O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada para permitir flexibilidade na sua aplicação. A entrevista ocorre por meio da interação entre pesquisador-sujeito, com vistas a coletar informações na perspectiva da outra pessoa (MERRIAN, 2009).

A escolha desta técnica se deu por permitir identificar as crenças, comportamentos e valores do sujeito e resgatar informações sobre seu passado (ROSA, ARNOLD, 2008). O

sujeito escolhido foi um ex-detento, de 26 anos, sexo masculino, solteiro, residente na cidade de Campina Grande, PB. A escolha do sujeito foi realizada com base na técnica bola de neve, quando se busca por meio de conhecidos e pessoas próximas encontrar alguém que se encaixe nos critérios estabelecidos. O sujeito atualmente está trabalhando.

Foi utilizada a análise compreensiva e interpretativa dos relatos (SILVA, 2005) para apoiar a pesquisa e fornecer o material de interpretação a fim de alcançar o objetivo traçado. O processo de reconstruir falas, criar textos e adequá-las em categorias previamente definidas, faz parte dessa abordagem (SILVA, 2005; STAKE, 2011). As questões por sua vez foram definidas e estruturadas previamente, mas na prática foram aplicadas de forma a permitir o melhor andamento da dinâmica com o sujeito. Buscou-se ainda alimentar uma relação de confiança e descontração, já que o sujeito estava apreensivo e desconfiado com a finalidade de tal pesquisa (GODOI, MATTOS, 2006).

A coleta foi realizada no dia 17/05/2014, à tarde, na residência do sujeito. A entrevista durou aproximadamente 55 minutos e foi gravada em meios digitais tais como celular e computador. O processo de transcrição durou três horas e meia e as falas foram relidas, protocoladas e categorizadas a fim de relacioná-las à categoria pertencente. A análise foi realizada em seguida, na qual não foi revelado o nome do sujeito.

O roteiro composto por três blocos, definidos a partir do *framework* de Mezirow, é apresentado no quadro a seguir.

Quadro I- Dimensões da aprendizagem transformadora e questões

DIMENSÕES	QUESTÕES
PERSPECTIVAS DE SIGNIFICADO	Como você enxerga sua vida antes e depois de ter saído da prisão? E houve alguma mudança significativa no seu modo de pensar e agir quando antes de ter sido preso? O que significa a prisão na sua vida? Qual a relevância das experiências vividas lá na sua vida hoje? Como você se enxerga nos dias atuais?
DOMÍNIOS DE APRENDIZAGEM	Até que ponto os seus valores, sentimentos e as normas sociais influenciaram na sua forma de aprender na prisão? E o quanto que estes também foram moldados durante a vida na

	prisão? Relate algum aprendizado vivido por você na prisão que contribuiu para a sua vida atualmente. E o que você aprendeu que te dificultou ou prejudicou na vida?
TIPOS DE REFLEXÃO	Antes de ser preso, você tinha a prática de refletir sobre sua vida? De que maneira isso ocorria? Já durante a prisão, você refletia sobre sua vida? A prisão propicia a pessoa a pensar na vida como um todo? Se sim, em que momentos você costumava fazer essas reflexões? Qual era a justificativa de você refletir? Se não, por que você não refletia? Depois desse período na prisão, você tem percebido alguma diferença na sua maneira de refletir sobre o mundo e a si próprio? O quanto que estas reflexões foram úteis para a sua vida hoje? Ilustre uma situação a respeito dessa mudança.

FONTE: Elaborado pelos autores, 2014.

Por ser uma pesquisa com um sujeito que vivenciou uma experiência de reclusão, faz-se necessário descrever brevemente esse acontecimento.

O crime aconteceu em 29/11/2010. O sujeito foi preso por tráfico internacional em São Paulo quando aceitou um convite de trabalho no Exterior e foi obrigado a trafegar com drogas. Sua condenação foi de 6 anos de reclusão no regime fechado, mas pelo seu bom comportamento, por ter feito cursos tais como manutenção de computadores, e ser réu primário, foi contemplado com o regime semiaberto. No semiaberto permaneceu trabalhando com serviços gerais em outra penitenciária do mesmo Estado, até ficar livre, em 23/12/2013.

Sendo assim, a partir do próximo capítulo busca-se compreender os significados encontrados em sua fala para entender o entrelaçamento com o *mainstream* da teoria da aprendizagem transformadora, identificando motivações desta teoria para um sujeito que se encontra às margens do campo estudado por ela, bem como até que ponto as experiências deste ex-detento pode evidenciar possíveis lacunas na teoria e contribuir ainda mais no seu desenvolvimento teórico ao considerar um sujeito externo do campo estudado inicialmente por ela.

Discussão dos resultados

a) Perspectivas de significado

As perspectivas de significados traduzem a realidade construída ao longo das nossas vidas, induzem à maneira como um indivíduo entende e compreende o mundo. Ao relatar sobre os significados, o sujeito conta que enxergava um mundo sem maldades, problemas e que os acontecimentos ruins eram algo distante e que, por isso, não era necessário se preocupar. Após a experiência vivenciada na prisão, o sujeito relata que mudou suas perspectivas. O que antes representava falta de compromisso, responsabilidade e sem perspectiva de futuro, após o momento de reclusão, o sujeito entende que amadureceu, como resultado sua visão de mundo construída por meio do sofrimento, apresenta significados de responsabilidade, compromisso e autodirecionamento. Ainda, o sujeito aponta que agora entende que suas escolhas de ações, e de comportamentos podem interferir no futuro.

> "A partir do momento que aconteceu isso comigo, aprendi a ter responsabilidade, até mesmo a lavar minhas roupas, porque lá (na prisão) me virava, minha mente é mais madura hoje, lá você aprende a ser responsável, é você, você e você. Porque lá você não tem amigos, tudo bem você conversa, mas não tem amigos, por isso tem que saber se virar. Há, portanto, um amadurecimento. Antes eu viajava com pessoas desconhecidas, hoje não faço mais isso, pelos fatos que vivenciei lá dentro, tem muitas pessoas que foram presas inocentes porque acreditavam nas pessoas. Hoje eu não confio mais nas pessoas. Seleciono mais com quem eu vou andar. Hoje em dia eu tenho um final de semana em casa, eu obedeço, converso com minha mãe".

Há, nas falas do sujeito, a adoção de novos comportamentos resultado do processo de reflexão por meio das experiências (BEARD; WILSON, 2006). O sujeito relata que confiava nas pessoas antes da sua experiência de reclusão e que depois, começou a refletir que ao confiar em qualquer pessoa, permitindo que interfiram nas escolhas, os riscos de fracassar são potencializados. Isso foi aprendido tanto pela sua experiência, como pela observação das experiências vividas e relatadas pelos outros, que em sua maioria foram balizadas pelo sofrimento (KOLB, 1984).

O sofrimento traduz o significado que o sujeito atribui às suas experiências na prisão. Este significado foi construído por meio da saudade da família e amigos e da privação da liberdade. Estas situações se tornaram ainda mais difíceis porque o entrevistado não tinha visitas regulares já que ficou em reclusão em São Paulo, e sua família mora na Paraíba, Campina Grande. Conta em seu relato que adoeceu várias vezes e que ele ficava, todas as vezes, ainda mais sozinho, sem cuidados. Estas situações provocaram muito sofrimento, dor e angústia. Após comentar essas situações, o respondente ainda afirma: "A prisão também significa aprendizado, e lição de vida".

Beard e Wilson (2006) explicam essa reflexão realizada pelo sujeito da pesquisa. Os autores comentam que ao falarem sobre suas experiências vivenciam oportunidades de reflexão que pode ocorrer sozinho ou na companhia de outras pessoas. Como resultado, podem-se encontrar novos significados escondidos em velhas experiências. Assim, ao relatar sobre o sofrimento, o sujeito percebeu que aprendeu e que essa experiência significa ainda uma lição de vida. Isso leva a considerar fatores psicológicos na atribuição dos seus significados, bem como as normas culturais, ou seja, ele teve que se adaptar aos costumes vivenciados na prisão.

Silva (2009) comenta que o sofrimento (emoções, traumas, dificuldades) e o autoconhecimento (características individuais, limitações) atuam como impulsionadores no processo de aprendizagem, sendo percebidos nos discursos do sujeito entrevistado, em que a dor o conduziu a um aprendizado na prisão e foi necessário refletir seus atos, tendo que tomar um olhar mais introspectivo da sua vida. Assim, a cada processo de reflexão, o individuo conhece a si mesmo, e proporciona a mudança, por meio das perspectivas de significados.

Desse modo, percebe-se que o sujeito da pesquisa expandiu suas perspectivas de significados, tornando um adulto mais evoluído e que possui capacidade de refletir sobre suas experiências, e aprender com elas. No entanto, tal afirmação não se torna suficiente para dizer que estes significados construídos pelo entrevistado fizeram com que ele tivesse um aprendizado transformador na perspectiva dos níveis de Mezirow, apesar de demonstrar inspirações de transformações nos seus significados.

b) Domínios de aprendizagem

Conforme explicado, o domínio da aprendizagem, a luz de Mezirow (1999; 2000; 2009) envolve como os adultos aprendem e como refletem de modo a transformar as suas perspectivas de aprendizado. Estes domínios envolvem as percepções construídas com vistas às normas, valores, crenças e sentimentos que cada indivíduo possui. O sujeito relata que os valores que pautaram a sua educação foram fundamentais no direcionamento de suas ações na prisão. Ao conviver com sujeitos perigosos, o respondente relata que decidiu não se envolver em outros crimes nem em confusões porque sabia que era errado. Os padrões passados pela família foram influenciadores em seus comportamentos.

> “A maneira como fui educado, os sentimentos que minha família ensinou, e o que eu penso influenciou muito lá. Eu não me metia com presos perigosos. Logo quando saí pro semiaberto eu tinha que ir de uma cadeia à outra, e ia com 2 detentos perigosos. Como eu sabia que eles eram assim, eu ficava de longe, não fazia inimizade mais também não queria ficar perto deles pois sabia que eles poderiam aprontar comigo.

> Isso minha mãe me ensinou (ele e a mãe chorando). A prisão não influenciou nestes aspectos porque me fechei muito lá. Eu só queria saber de ler, (aprendi a ler) de fazer as tarefas e de cumprir minhas obrigações. Não ficava me juntando com os outros porque não queria saber de má influencias. Lá teve duas rebeliões, e eu fui forçado a entregar minha comida em troca de paz, mas mesmo assim não me corrompi. Ficava longe dessas coisas."

Percebe-se que o respondente é consciente dos perigos de se envolver em novos crimes na cadeia, e que os valores e sentimentos repassados pela família foram essenciais nesses momentos. Comenta inclusive, que sua mãe ensinou repassando valores que ajudaram a se manter firme em seu objetivo que era voltar a ter sua liberdade. Esse comportamento foi fundamental para que não se envolvesse em novas confusões, ajudando-o a ser incluso no regime semiaberto.

> "Eu passei 2 anos e 11 meses trancado sem ver ruas, pessoas, nada...no fechado. Aí depois como tinha bom comportamento, trabalhava e estudava o Juiz disse, você vai progredir de regime, vai pro semi aberto. O Juiz fez uma festa quando saí, ele gostava de mim. Eu ajudava quando tinha eventos lá. Teve uma feira cultural que eu me vesti de lampião representando o Nordeste, que foi apresentado aos Pais, foi um dia muito emocionante, ver minha mãe lá me prestigiando num dia que eu não tava vestido de preso."

Ser novamente reconhecido pelos familiares como um "não preso" era tudo que queria porque não achava digno ser percebido como alguém que esteve vinculado à uma organização considerada marginal pela sociedade. O respondente relata que ao participar de um evento ocorrido na cadeia, teve que representar lampião, personagem muito conhecido no Nordeste. Este dia foi significativo para o entrevistado, pois promoveu sentimentos diferentes: sentiu-se reconhecido, prestigiado, e não se sentiu um presidiário. O sentido de ser um presidiário é algo que provoca sensação de fracasso, dor, rejeição e sofrimento pelo entrevistado.

Ao ser solicitado a relatar um aprendizado vivido na cadeia que contribuiu sua vida, e outro que dificultou, o respondente explica que o que ajudou foi ter aprendido a valorizar sua família, algo que não tinha hábito antes dessa experiência. Já o que dificultou foi ter aprendido a não confiar nas pessoas. Ele reconhece que ao vivenciar essa situação em que foi enganado por uma proposta de emprego, percebe que tem dificuldades de confiar nas pessoas, pois acha que sempre será enganado, afetando nas suas relações pessoais atuais.

Dewey (1974) explica que as experiências passadas influenciam as futuras e dão continuidade as ações humanas. Assim, algo aprendido anteriormente influencia os novos aprendizados. O respondente por ter passado por situações as quais confiou em pessoas que o iludiram, decidiu que não vai confiar mais nas pessoas que se aproximam dele.

Um estudo feito por Mccall, Lombardo e Morrison (1988) com executivos percebeu que as experiências negativas tais como, demissão, afastamento, relacionamentos ruins, entre

outros foram as mais significativas para mudar o comportamento dos indivíduos. Nesse caso, nota-se que independente da organização, seja periférica ou não, a questão dos sentimentos é preponderante para o aprendizado do indivíduo.

> "Neste dia da feira cultural muitas pessoas iam nos visitar, dai comecei a perceber que as pessoas podiam ir e sair. E quando eu via as pessoas de fora que podiam sair eu ficava pensando: meu deus como é bom ser livre, eu via os advogados indo e voltando, vias os agentes indo e voltando. A privação da liberdade foi o que mais significou pra mim, eu ficava chorando.
>
> Nos dias de visitas eu ficava olhando assim, meu deus essa pessoa vai pra casa, vai pegar seu ônibus, vai dormi na sua casa, na sua cama, vai pra onde quiser, e eu aqui. Essa pessoa vai sair desse portão e vai pra onde quiser, e eu aqui. O tchau das pessoas doíam muito. A dor do Tchau." (Grifo nosso)

Ao refletir sobre as experiências na ação, ou sob a ação, os indivíduos podem mudar seus comportamentos, transformando-o (MCGILL, BROCKBANK, 2004; JARVIS, 2006). A "dor do tchau" para o sujeito foi tão significativo que possibilitou um processo de reflexão e mudança. O entrevistado decidiu não adotar comportamentos ligados ao crime para estar "livre" dessa dor da privação.

A palavra tchau exprime um sentimento de limitação sobre sua liberdade de ir e vir para o entrevistado da pesquisa, na qual a dor que sentia com o tchau das pessoas levou a oportunidade de melhorar como indivíduo, buscando mais um autoconhecimento para se libertar desta dor. Por isso, buscou adotar um bom comportamento para receber o semiaberto o quanto antes e passou a interagir com pessoas que o possibilitasse de tal alcance. Dessa forma, ele passou a modificar suas perspectivas de significado, tendo mais domínio sobre seus atos, o que exigiu dele trabalhar o seu processo reflexivo, detalhado a seguir.

c) Tipos de reflexão

A reflexão é uma das formas necessárias para atingir um aprendizado emancipatório na vida de um indivíduo, na qual há sistemáticas formais, propostas pelos estudiosos na área, para tal alcance como a educação formal, assim como as experiências vividas pelo indivíduo em seu convívio social. Nesse caso, percebe-se que o entrevistado não tinha a prática reflexiva habitualmente antes da prisão. Era algo não valorizado, não buscado, por isso, ele se considerava ingênuo e atribuía-lhe a esta ingenuidade o fato de sua história ter se desencadeado para este momento delicado vivenciado por ele, e que afetou não só a ele, mas aos que o cercavam, como familiares e amigos.

> "Não pensava nas consequências dos meus atos, saia de casa e voltava apenas uma semana depois, bebia, não trabalhava. Então não parava pra refletir, meu pensamento era só festa, bebida e amigos. Não pensava no futuro. Eu era moleque,

> as amizades eram de má influencias, não me chamavam pra conversar, pra ir na igreja, era só festa. Por isso eu não refletia.”

O entrevistado leva em consideração o aspecto biológico/cronológico como fator para maturidade, na qual diz que por ser moleque ele acabou sendo facilmente conduzido por caminhos, pode-se dizer, distorcidos do que comumente é visto para um jovem, ainda mais no discurso normativo social que queira obter êxito na vida. Assim, na fala acima ele expressa o diálogo (seja com amigos ou família) e a igreja como maneiras de boa conduta, que possivelmente o fariam não ter passado por essa experiência sofrida (dita por ele em outro momento da entrevista a respeito do significado da prisão em sua vida).

Por sua vez, ele relata as festas e certas amizades como fatores que o impediam de refletir. Nota-se que a base familiar oferecida no decorrer da vida de uma pessoa influencia no desenvolvimento de um aprendizado transformador, experiências que o faça refletirem para conscientemente decidir pela melhor alternativa sobre as dimensões da sua vida. É bem provável que esses laços tenham sido frágeis na trajetória do entrevistado em sua infância e adolescência, o que fez fortalecer tais laços por meio de amigos, em que estes também o levavam para ambientes sociais apenas de lazer.

Além disso, a sua fala demonstra que por não pensar no futuro, ele não assumia responsabilidades, como um próprio emprego. Dessa forma, a vida como se encontrava deste jovem na época foge um pouco do que, por vezes, se estabelece pelos teóricos da aprendizagem transformadora, ao retratar a teoria a partir de um indivíduo que tem às suas mãos um leque de artefatos que o oportuniza a refletir e escolher um caminho mais adequado que favoreça as transformações em suas perspectivas de significado.

Vale a pena salientar que o entrevistado também não tinha escassez de oportunidades em sua volta, até porque considerando índices sociais, ele se encontra na classe média alta. Porém, vivenciava problemáticas sociais que supera qualquer barreira de classe, uma vez que esta se dar por índices focados no estrato econômico. Ele retrata bem a juventude brasileira, independente da classe social, na qual torna desafiante em encontrar mecanismos que permitam eles refletirem sobre a conjuntura escolhida por eles, fazê-los pensar mais justamente em seu futuro, nos atos presentes que tem fator preponderante para a construção do seu futuro, na transição de jovem para adulto.

É neste ponto que os teóricos poderiam se atentar mais, até porque não seria apenas o ferramental tecnológico (já que muitas vezes se pensa, por exemplo, em trazer mais aparato tecnológico para o ensino, por exemplo) a única ou mais importante forma de possibilitá-los a

refletirem mais no intuito de vivenciarem experiências que o transformem enquanto indivíduo e um ser social (LIMA, 2011), passando a exercer a sua cidadania. Ainda mais, quando se trata de pessoas que estão em países periféricos que não estão nos patamares vistos por aqueles jovens dos países do Norte do mundo, onde se originaram os estudos da aprendizagem transformadora por Mezirow.

Entretanto, a organização penitenciária se mostra como um ambiente, que é visto como marginal pela sociedade, reflexivo, pois foi a partir da experiência do entrevistado neste local que ele passou a refletir sobre sua vida, como descrito na fala abaixo:

> "Durante a prisão era só o que eu fazia. Lá não tem o que fazer, mesmo eu me ocupando ficava muito tempo sem nada. Dai ficava pensando. Aprendi a gostar de livros, dai ficava lendo e pensando sobre minha vida. Quando estava lá pensava demais nas coisas que tinha feito, nos momentos de família que tinha perdido, e nos meus aniversários. Os momentos eram mais a noite, antes de dormir, quando ficava todo aquele lugar em silencio. Eu refletia porque tava numa situação difícil que aconteceu por conta dos meus atos. Então eu era em partes culpado. Dai ficava pensando nos meus erros."

É interessante observar que costumeiramente o detento é visto pela sociedade como um indivíduo que não exerce atividades laborais que o sobrecarreguem de afazeres para que não fiquem justamente com tempo livre, já que este tempo será para pensarem "besteiras" como, por exemplo, em rotas de fuga ou realizar alguma represália.

Para o entrevistado foi o contrário, o tempo demasiado sem fazer nada acabou por levar a refletir sobre sua vida, entre passado, presente e futuro, ou seja, os atos cometidos e suas consequências (momentos em família desperdiçados), a conduta dentro da prisão (em um determinado momento ele fala a respeito da vestimenta, do comportamento de um detento, ou seja, a preocupação com a estética, auxiliada com conversas pelos poucos amigos que fez na prisão e por profissionais como diretor e juiz, na qual ele diz que recebeu conselhos por gostarem dele) e o que fazer quando sair de lá (não errar mais).

Percebe-se que a palavra culpa exprime um sentimento forte vivido por prisioneiros que não se consideram 'bandido' de forma alguma (palavra citada pelo entrevistado) ou que está na prisão por injustiça ou ato ilegal cometido ingenuamente, este último a forma como o entrevistado enxerga o seu caso. Por vezes, ele afirma não querer ser visto como bandido porque ele não se vê neste estigma, e caracteriza um perfil, novamente estético, em que ele não se enquadra. Porém, isso não o afasta do sentimento de culpabilidade, colocado pela sua própria fala.

Este sentimento o leva para uma situação difícil no seu íntimo, o que o conduz à reflexão. Para Mezirow (1990; 2000; 2009) esta reflexão transita em alguns tipos, na qual a

premissa é o nível que propicia o indivíduo a vivenciar uma aprendizagem transformadora. Percebe-se, então, que o entrevistado dar sinais de estar chegando neste nível, uma vez que ele pensa a respeito do que fez e como foi que ele chegou a tal situação e, daí refletir sobre porque ele está passando por isso e de que maneira é possível "reconstruir" a sua vida após essa experiência. O momento que ele passa a fazer tais reflexões é no turno noturno em virtude do silêncio que o ajuda. É tanto que por conta do seu bom comportamento foi que ele conseguiu o semiaberto, demonstrando que ele refletia sobre suas ações presentes que impactariam no futuro.

Tal reflexão dele pode ser considerada como próxima do que Mezirow defende para alcançar transformações na sua visão de mundo porque o entrevistado em suas reflexões avalia a sua vida e o mundo em seu entorno, buscando aprender a partir das situações que lhe foram oferecidas dentro da prisão, como o trabalho (algo que aprendeu dentro da prisão, já que anteriormente ele afirmou que não trabalhava).

> "Eu mudei, mudei meus comportamentos, mudei minha forma de ver a vida. Hoje dou valor as coisas que não dava. Essas reflexões foram uteis pra não magoar mais minha família, pra não entrar em outra cilada, porque minha mãe mesmo fala, meu filho outra dessa eu não aguento mais (...) Hoje eu trabalho, eu quero casar, ter filhos, ter uma vida normal. Antes eu não trabalhava, hoje em dia eu compro minhas coisas, eu dou valor ao dinheiro que gastava.
>
> Ontem eu saí, e minha mãe foi me deixar, conheceu meus amigos, combinou comigo a volta, e eu voltei sem beber, tranquilo. Isso antes jamais acontecia."

Mezirow e seus associados, nas suas pesquisas, não explicitam situações tão destoantes, o que faz ser interessante perceber pela vida do entrevistado, que uma organização marginal e, principalmente, um sujeito que vivenciou nela pode ter um aprendizado transformador, ou seja, não vivencia de forma acrítica (CRANTON, 2006), mesmo não seguindo uma cartilha teórica. Não menosprezando de maneira alguma o estudo deste autor percursor da aprendizagem transformadora, até porque nem ele quer que o aprendizado se dê de forma instrumental e prescritiva, senão a transformação não é alcançada.

Aliás, Mezirow atenta para a relevância das experiências e estas foram essenciais para a mudança do entrevistado, na qual atualmente ele valoriza o que antes ele afirmava não valorizar por não mostrarem a ele o valor e também pela sua fala denota uma carência que havia por trás daquele "moleque" quando o que ele gostaria era da vida em família, um trabalho que o torne responsável, amigos que confie e que faça a ponte deles com sua família, no caso a sua mãe.

Nota-se que ele almeja seguir uma vida normal. A palavra normal remete a, pelo menos, o cumprimento dos aspectos legais para não ter que retomar a prisão e a vida em

comunidade, sem ser visto como um “bandido”. As experiências vividas lá o amadureceram, foi uma lição de vida, como o entrevistado mesmo diz. Ele se preocupa e se atenta mais sobre seus atos até para não machucar a quem mais o apoiou, a sua mãe, até porque segundo ele “(...) porque minha mãe mesmo fala, meu filho outra dessa eu não aguento mais, ela fala que se acontecer de novo ela me abandona.” Ele não quer gerar, mais uma vez, o sentimento de mágoa, expresso por ele no seu discurso acima.

Percebe-se que os sentimentos foram algo que o modificou e o ajudou nesse processo de aprendizagem para que o transformasse em um novo homem. No entanto, não é possível afirmar que o processo reflexivo realizado por ele se configura na aprendizagem transformadora a partir dos níveis propostos por Mezirow, apesar de, como já dito, apresentar sinais de um encaminhamento para tal. É que uma reflexão que chegue ao aprendizado emancipatório exige uma autorreflexão crítica feita em ação.

Contudo, uma das falas do entrevistado exprime que ele necessita de um tempo e espaço (quando ele afirmou ser à noite na cama) para refletir, e a premissa (MEZIROW, 1990) é algo que o indivíduo consegue exercer na própria ação diária dele. Tal fala do entrevistado é apresentada a seguir: “(...) Agora eu reflito, depois do que aconteceu comigo, eu penso, meu deus vou parar pra pensar”. Desse modo, mostra que ele ainda necessita parar, mas no decorrer da sua vida se ele continuar trabalhando bem sua prática reflexiva, pode ajudá-lo a refletir na ação, ainda mais quando em situações difíceis que exigem tomar uma decisão rápida, conseguindo, consequentemente, um aprendizado mais transformador que agrega em sua vida, vida em matrimônio, por exemplo, já que ele afirma o seu desejo por casar.

Portanto, a partir da compreensão da vida do entrevistado pode-se entender que apesar da aprendizagem transformadora ter sido desenvolvida mais em empresas, em países desenvolvidos inicialmente, ela pode ser evidenciada também em organizações vistas como periféricas, inclusive, trazendo contribuições peculiares deste campo.

Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa foi compreender as experiências vivenciadas por um ex-detento à luz da teoria da aprendizagem transformadora desenvolvida por Mezirow.

O ator social não pode ser visto como um ser utilitário e atomizado, mas inserido em redes diversificadas e em contextos institucionais. As regras que regulam a interação social

são transmitidas por meio dos processos que compatibilizam aprendizagem e experiências (GHEZZI, MINGIONE, 2007). Além disto, esta interação é resultado da história diversificada, dos processos de mudança, inovação e adaptação.

Desse modo, a ação social é realizada por pessoas influenciadas pelas suas redes sociais, hábitos e tradições específicas, por valores compartilhados e cultura. Em ambientes considerados marginais, não seria diferente. Nestes espaços, a população precisa se adaptar frente a contextos incertos, com poucos recursos e oportunidades. Estes ambientes, por sua vez, incentivam a mudança, a troca de recursos e bens, e ao compartilhamento de experiências e aprendizados. Assim, a integridade, aprendizagem participativa, as estratégias de sobrevivência, a luta e resistência apontam caminhos que solucionam as dificuldades vivenciadas pela população, incluindo a de "status insignificante" (IMAS; WESTON, 2012).

Percebe-se que as experiências vividas pelo sujeito representaram sofrimento, dor, aprendizado e lição de vida. Estes significados foram importantes, uma vez que possibilitaram a reflexão e mudança, mas uma reflexão que não se pode dizer com propriedade que atingiu o nível de premissa, pois esta ocorre quando há um domínio de autorreflexão crítica no momento das experiências vividas.

Assim, pode ser visualizada nesta pesquisa, a partir das experiências relatadas pelo sujeito entrevistado, que há uma inspiração de transformações nas perspectivas de significado deste individuo, podendo resultar em uma proximidade do que é estudado por Mezirow a respeito da aprendizagem transformadora. Tais relatos denotam uma pessoa situada em um ambiente enxergado pela sociedade como hostil e de punição, mas que ele soube vivenciar de uma forma distinta da maioria dos detentos e, por isso mesmo, dele afirmar que não se considera um preso, embora não foge do sentimento de culpa.

Estes sentimentos foram observados como alicerces para ele ter buscado refletir sobre sua vida e se aproximar dos aspectos teóricos da aprendizagem transformadora. Inclusive, a realidade tratada por este indivíduo também pode trazer elucidações para o avanço desta própria teoria pela singularidade do próprio ambiente estudado e, principalmente, das experiências vividas por ele.

O *framework* adotado na pesquisa não abarca as experiências transformadoras vivenciadas em organizações marginais, apesar de acreditarmos que este não era seu objetivo. Mezirow apresenta de maneira abrangente como o aprendizado pode alterar a visão de mundo

e as perspectivas de significados, sem associá-los explicitamente, aos contextos em que ocorrem.

Por fim, esta pesquisa apresenta como limitação, a dificuldade apresentada pelo sujeito de verbalizar os seus sentimentos e experiências. Na prática foi percebido que o ex-detento se sentiu apreensivo e inseguro para transmitir suas percepções por não ter se libertado do sentimento de culpa e submissão. Além disso, há limitações por parte dos pesquisadores em se aproximar desta experiência a fim de compreendê-la melhor, uma vez que não vivenciaram estas situações e nem visitaram este tipo de organização.

No tocante à pesquisa, sugere-se investigar com maior aprofundamento e detalhes os níveis da aprendizagem transformadora de Mezirow para compreender o quanto as experiências vividas por detentos ou ex-detentos se relacionam com os estudos abarcados por Mezirow e ampliar o entendimento das possibilidades de transformações dos significados por indivíduos que se localizam em organizações marginais.

REFERÊNCIAS

BEARD, Colin. WILSON, John. **Experiential Learning**: a best practice handbook for educators and trainers. 2. ed. London: Koganpage, 2006.

CRANTON, Patricia. **Understanding and promoting transformative learning**: a guide for educators of adults. 2. ed. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2006.

DAUDELIN, Marilyn Wood. **Learning from experience through reflection**. Organizational Dynamics, v.24, n.3, p.36-49, 1996.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Vida e Educação**. Companhia Melhoramentos de São Paulo. Indústria de Papel Caixa Postal, 8120.Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Editora, 1974.

FETHERSTON, Betts; KELLY, Rhys. Conflict resolution and transformative pedagogy: A grounded theory research project on learning in higher education. **Journal of Transformative Education**. v. 5, p. 262-285, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GHEZZI, Simone; MINGIONE, Enzo. Embeddedness, Path Dependency and Social Institutions. **Current Sociology**, 55 (1), p. 11-23, 2007.

GODOI, Christiane Kleinubing; MATTOS, Pedro Lincoln. A Entrevista Qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. IN: GODOI, Christiane Kleinubing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais:** paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GUARESCHI, Neuza; COMUNELLO, Luciele Nardi; NARDINI, Milena; HOENISCH, Júlio César. Problematizando as práticas psicológicas no modo de entender a violência. In: **Violência, gênero e políticas públicas.** Porto Alegre: Ed. EDIPUCRS, 2004.

IMAS, Miguel; WESTON, Alia. From Harare to Rio de Janeiro: Kukiya-Favela organization of the excluded. **Organization** (London), p.205-227, 2012.

JARVIS, Peter. **Towards a Comprehensive Theory of Human Learning**: lifelong Learning and the learning society. New York: Routledge, 2006.

KOLB, Donald. **Experiential Learning:** Experience as The Source of Learning and Development. Prentice Hall, New Jersey, 1984.

LIMA, Thales Batista de. **Estratégias de Ensino Balizadas pela Aprendizagem em Ação:** Um Estudo de Caso no Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba. 221f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, UFPB, João Pessoa – PB, 2011.

MARIE JEAN-LOUIS. **François Dubet, Sociologie de l'expérience**. Quatrième trimestre. v. 8, n.32, p. 172-176, 1995.

MCCALL JR, Morgan; LOMBARDO, Michael; MORRINSON, Ann. **The Lessons of Experience:** How Successful Executives develop on the job. New York: The Free Press, 1988.

MCGILL, Ian; BROCKBANK, Anne. **The Action Learning handbook**. New York: Routeledge, 2004.

MERRIAM, Sarah B. **Qualitative Research**: a guide to design and interpretation. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

MEZIROW, Jack. & ASSOCIATES. **Fostering critical reflection in adulthood:** A guide to transformative and emancipatory learning. San Francisco, California. Jossey-Bass, 1990.

_____. Learning to think like an adult: Core concepts of transformation theory. In: MEZIROW, Jack. & Associates. (eds.) **Learning as transformation:** Critical perspectives on a theory in progress. San Francisco, California: Jossey-Bass, 2000.

_____. Transformative Learning Theory. In: MEZIROW, Jack; TAYLOR, Edward. & ASSOCIATES. **Transformative Learning in Practice:** Insights from community, workplace and higher education. San Francisco, California: Jossey-Bass, 2009.

MOON, Jennifer A. **A Handbook of reflective and experiential learning.** Theory and Pratice. New York: RoutledgeFalmer, 2004.

PARKES, Dave. About Adult Education - Transformative Learning. **Journal of Workplace Learning,** v. 13, n. 4, p. 182-183, 2001.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SAMPEIRE Roberto Hernandez; COLLADO Carlos Fernández; LUCIO Pilar Baptista. **Metodología de La investigación**. México: Mcgraw Hill, 1991.

SANTOS, Gabriela Tavares. **Aprendizagem experiencial**: um estudo com acadêmicos dos cursos de administração do estado da Paraíba. 176 f. Dissertação de Mestrado em Administração – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SILVA, Anielson Barbosa da. **A vivência de conflitos entre a prática gerencial e as relações em família.** 2005. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

_____. **Como os gerentes aprendem?** São Paulo: Saraiva, 2009.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa:** estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

WAUTIER, Anne Marie. Para uma Sociologia da Experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. **Sociologias**, v. 5, n. 9, enero-junio, p. 174-214. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS: 2003.